

O conto dos três camelôs

Fernando Pedreira *

A língua francesa anda um tanto fora de moda, mas tem ainda a sua graça. A palavra camelô, p. ex., hoje tão popular, veio de lá. Em outros tempos, não havia boa casa de família que não tivesse ao menos o seu *Petit Larousse Illustré*, um grosso volume rosa-chá, encadernado em tela encerrada.

Hoje, pessoas comuns, que não têm paixão por dicionários (como Millôr Fernandes ou mestre Paulo Rónai), contentam-se às vezes com um *me-ro Larousse de poche*, isto é, de bolso, ainda que um amplo bolso, daqueles de sobretudo europeu. Lá está, na página 53, coluna da esquerda: *Camelot*, n.m., Vendedor de camelote, Jornaleiro. E, logo a seguir: *Camelote*, n.f., Mercadoria inferior, produto malfeito.

E eis aí como podem, na sua fria imparcialidade, ser cruéis os dicionários. Um bom camelô, versão original, tanto será um mercador de contrabandos e mercancias de segunda ordem, quanto um *crieur de journaux*, um jornaleiro, desses que anunciam pelas esquinas o produto do nosso modesto trabalho de redatores, fotógrafos e cartunistas. Confundem-se, assim, no mesmo verbete, serviços e coisas que o nosso brio profissional de jornalista preferiria ver bem separados.

E entretanto talvez esteja precisamente aí, nessa incômoda vizinhança, a melhor explicação para a naturalidade com que um Sílvio Santos, p. ex., ainda ontem, alçou-se (embora com alguma ajuda do general Figueiredo) à condição de cabeça de uma vasta rede eletrônica de informações. Passou de jornaleiro a jornalista, sem ter sequer que mudar de lugar no dicionário, ou de raízes, digamos, etimológicas. Pelo mesmo caminho, é apenas natural que pretendesse (agora com a ajuda de Sarney) subir ao palco iluminado da política para ali vender o seu peixe.

A Justiça Eleitoral extraiu Sílvio Santos da liça, mas não vetou (e nem deveria ou poderia fazê-lo) outros camelôs da política e da imprensa, já há mais tempo estabelecidos. Numa democracia, com efeito, quem deve julgar a qualidade da mercadoria oferecida pelo vendedor é o comprador, o eleitor (ou o leitor), que puxa do bolso o dinheiro, paga o preço e leva para casa o produto, quase sempre sem indagar muito sobre suas origens.

As alegres e animadas eleições de quarta-feira última aí estão para comprovar mais uma vez esta velha verdade. Há, entre o camelô e o público, uma implícita cumplicidade, um não confessado conluio de vontades. O camelô vende ilusão para pessoas que querem iludir-se. E vende também esperteza: a sua, e a dos compradores que, ainda com o risco de adquirir "camelotes", burlam o fisco e passam a perna na loja da esquina, que vende mais caro.

Em política e, especialmente, em eleições como as nossas, as coisas não são muito diferentes. Quem ganhou nas urnas do dia 15? Ganharam Collor, Lula e Brizola, não necessariamente nesta ordem. Em outras palavras: aconteceu o que todos sabíamos, desde o início, que ia acontecer, embora muitos preferissem não dizê-lo. Ganhou o voto *contra*. Ganharam os três candidatos que pareciam exprimir, com maior força, a ruptura com um governo e uma classe política (Congresso, Assembleias e o resto) corrompidos e desmoralizados.

O primeiro e o mais popular dos três, aquele que recebeu mais votos do povão, isto é, das chamadas classes C, D e E. Collor de Mello, foi também o contestador mais "puro", vale dizer, o que mais insistiu na simples negação do atual estado de coisas, sem confundi-la com a afirmação de uma doutrina ou ideologia mais ou menos definida. Não se pode saber até que ponto as raízes de Collor no povo vão mostrar-se fortes e firmes, mas elas não têm a garanti-las senão o seu carisma pessoal, sua ação e sua imagem de "mocinho" valente, caçador de aproveitadores, ladrões públicos e "marajás".

Lula e Brizola, ao contrário, estão longe de exibir a mesma pureza contestadora ou, se quiserem, o mesmo vazio ideológico. Brizola representa uma poderosa e temível tradição política brasileira: a do caudilhismo gaúcho, fundado, há já meio século, no velho populismo getuliano. A rigor, por suas origens, propostas e teses políticas, ele não se distingue em nada do PMDB, que governou o país com Sarney nos últimos cinco anos. Só o que o distingue é a sua ambição (e determinação) de caudilho; sua obstinada febre de poder pessoal. No segundo turno, portanto, se Brizola de fato chegar lá, os remanescentes do PMDB

e da esquerda (e boa parte dos "covistas" também) vão apenas reencontrar-se com sua antiga raiz caudilhesca, getulista. As rãs terão outra vez o seu rei.

Lula, por sua vez, representa a "ruptura" (especialmente aos olhos dos mais jovens) porque é o porta-bandeira de uma corrente que deseja, não simplesmente o saneamento ou

a correção da atual ordem de coisas, mas a radicalização e a aceleração do "processo". Isto é, Lula se dispõe a dar consequência, ainda que paulatina, aos princípios marxistas-leninistas que constituem o substrato do pensamento e da ação das nossas esquerdas radicais, desde os tempos de Prestes: estatização, reforma agrária, coletivização, e o resto.

Trata-se de uma proposta, curiosa e apressivamente, anacrônica. A esquerda do PT pode considerar-se, hoje, uma esquerda troglodita. Ela quer curar os males brasileiros aplicando-lhes o mesmo remédio que afundou a URSS, a China, a Europa Oriental e tantos países da África negra e da Ásia. Numa época como a nossa, em que cai o Muro de Berlim, e o marxismo se revela, na prática, aos olhos de todo o mundo, um trágico malogro, como pode o bom e esforçado Lula ter tantos votos (especialmente entre os moços)?

É o princípio do camelô. As pessoas se iludem porque querem se iludir, por mais escalofóbica, caduca ou tola que seja a "camelote" ideológica que lhes é oferecida. O PT é o partido troglodita do Brasil. Quer fazer em 1990 a revolução que Prestes não pôde fazer em 1945-46; quer transformar o Brasil, no século XXI, em uma Democracia Popular. Depois da Hungria, depois da Polônia e da Alemanha Oriental.

Haja saco. De um lato o PT; do outro o PDT, com seu bando de rãs coaxando em torno do rei. Resta esperar que o terceiro camelô, cuja mercadoria parece menos adulterada, menos impura ideológica e politicamente (ainda que nem por isso inteiramente confiável) revele talento bastante para engolir seus competidores, desta vez reunidos também no segundo turno.